



***Civic Journalism* na Cobertura Eleitoral: Estudo de Caso da Série “Desafios do Paraná”, Publicada pelo Jornal Gazeta do Povo¹**

Daniel CASTRO²

Elza Aparecida de OLIVEIRA FILHA³
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir o *Civic Journalism* na cobertura das eleições para o governo do Paraná feita pelo jornal Gazeta do Povo, em 2010. A série “Desafios do Paraná” pretendeu romper com o jornalismo que cumpre apenas as pautas de agenda dos candidatos, levantando os principais assuntos que o próximo governante teria que enfrentar a partir do momento que fosse eleito. A análise se dá em torno dos pontos que indicam, ou não, a existência do *Civic Journalism* a partir da proposta estabelecida pelo diário paranaense. O trabalho foi desenvolvido dentro do Grupo de Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo, no projeto Observatório Paranaense de Mídia.

Palavras chave: Civic Journalism; Gazeta do Povo; jornal impresso; eleições;

Introdução

O papel do jornalismo impresso e a sua sobrevivência, com o uso cada vez maior da internet como fonte de informação, é uma constante nas discussões acadêmicas. O texto mais bem trabalhado e a preocupação com a contextualização da notícia são alguns dos diferenciais das revistas e jornais com relação à rede mundial de computadores. Isso ocorre devido aos leitores dos meios terem características diferentes.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Daniel Castro, 19 anos, é aluno do quinto período no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Positivo. Foi editor-chefe do jornal Laboratório da Notícia - Lona (2010) e é integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo como pesquisador do Observatório Paranaense de Mídia, email: danielcastro.jornalismo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora do curso de Jornalismo da UP, doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e coordenadora da Divisão Temática Jornalismo Impresso da Intercom e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação da UP, email: elza@up.com.br



Leitores de jornal e usuários da Internet têm interesses e curiosidades diferentes. Para assegurar seu espaço, caberá ao jornal do presente investir naquilo que o leitor espera encontrar nele: originalidade, texto interpretativo e analítico, com suas implicações e possíveis repercussões na vida de cada um. O fato situado dentro de um contexto mais amplo, ao lado de pesquisa e opinião. Já na Internet o que se busca são informações rápidas e específicas, em poucas linhas. (CALDAS, 2002, p. 17).

O tempo destinado à apuração, escolha de fontes e forma como o tema será tratado em uma reportagem permite que o texto seja interpretativo e analítico. No caso dos jornais impressos, esse tipo textual recebe mais destaque nas reportagens especiais, na maioria das vezes publicadas aos finais de semana e realizadas com antecedência, longe da correria das pautas que são cumpridas diariamente.

A série “Desafios do Paraná”, publicada pelo jornal Gazeta do Povo entre agosto e outubro de 2010, tratou dos temas mais relevantes para a população que se preparava para escolher os próximos deputados estaduais e federais, senadores, o governador do estado e o presidente da República. O foco dado para os textos estava nos problemas e desafios do estado, em especial naqueles que seriam responsabilidade do próximo governante do Paraná.

Ao longo de dez edições dominicais foram abordados temas variados, conforme será discutido a seguir. Na edição do dia 1º de agosto, em texto assinado pela redação, o jornal deu a seguinte explicação sobre a série que estava sendo lançada.

Além de fortalecer o acompanhamento das campanhas, mostrando as propostas de cada candidato e analisando a viabilidade de colocá-las em prática, a Gazeta também buscará mostrar qual é a realidade socioeconômica das diversas regiões do estado que será administrado pelo próximo governador. (GAZETA DO POVO, 2010).

No jornalismo, momentos relevantes como as eleições, são capazes de despertar boas ideias nos editores. Com matérias especiais, guias e outros serviços para os leitores, a época eleitoral é fundamental para criar empatia e gerar crescimento no processo de identificação entre emissor e receptor. Baseada nisso, ainda na edição de 1º de agosto, o jornal lançou oficialmente a sua cobertura eleitoral da seguinte forma: “O processo eleitoral é um momento decisivo na vida do país e de suas instituições. Por isso uma



eleição é tão importante para a Gazeta do Povo. E é esse o motivo de o jornal mobilizar sua reportagem a partir de hoje”.

Civic Journalism e Gazeta do Povo

Para falar de *Civic Journalism*, termo originário da língua inglesa, é necessário explicar a polêmica que se criou em torno da sua tradução para o português. Os conceitos de jornalismo cívico, público, ou ainda cidadão são insuficientes para definir o termo estrangeiro, como observa Luiz Martins da Silva.

Ao pé da letra, *civic journalism* seria *jornalismo cívico*, mas o sentido mais apropriado seria o de ‘jornalismo público’, que também não é satisfatório, pois tanto pode dar a idéia de uma espécie de jornalismo *chapa branca*, como pode ser confrontado com a constatação tautológica de que qualquer jornalismo é público. ‘Jornalismo cidadão’ também seria uma boa maneira de transpor o conceito, mas ainda incompleta, pois a relação entre mídia e cidadania não tem dependido apenas das iniciativas da comunidade, mas sobretudo de empresas e organizações (SILVA, 2001).

Portanto, neste artigo será usada apenas a expressão *Civic Journalism*, ou a sua abreviação CJ, para se referir ao termo que ganhou força no final da década de 1980 e início da década de 1990.

O seu surgimento aconteceu após o jornalista Davis Merrit se decepcionar com a cobertura das eleições para o governo dos Estados Unidos, em 1988. Visando à mudança do tratamento dado pela mídia aos assuntos eleitorais, Merrit propôs um modelo diferenciado para o acompanhamento das eleições ao governo do estado do Kansas, em 1990.

Ao longo de dez edições do pequeno jornal *The Wichita Eagle*, os candidatos ao cargo puderam expressar suas opiniões sobre os temas considerados mais relevantes pela população em uma pesquisa. As reportagens, que se caracterizavam por discutir as raízes dos problemas e suas respectivas soluções, eram publicadas aos sábados e deram início oficialmente ao *Civic Journalism* na imprensa norte-americana, como aponta Márcio Fernandes. “Fundava-se aí uma nova visão do que podia ser o noticiário de Imprensa, em



especial na mídia impressa, berço do CJ e base do seu sustento até hoje” (FERNANDES, 2008, p.26).

As definições do que é o *Civic Journalism* também apresentam subjetividades. Silva defende que “O *civic journalism* caracteriza-se pela existência e manutenção de um vínculo social por parte do veículo” (SILVA, 2001). O autor caracteriza o programa Globo Comunidade como um exemplar de CJ na televisão. No Paraná, a Rede Paranaense de Comunicação (RPC) promoveu a campanha de conscientização “Trânsito. Respeito ou morte. Você escolhe o caminho”, no ano de 2009. A ação estava contribuindo para a manutenção de um vínculo social, portanto, segundo Silva, promovendo o CJ.

Trazendo o foco novamente para o jornal impresso e para a área política, é importante destacar que essa forma de pensar e fazer o jornalismo teve início nas eleições e são nelas que se manifesta com mais frequência até hoje. No Paraná, a Gazeta do Povo fez uma abordagem muito parecida com a realizada por Merrit. Em 2010, as eleições para o governo do estado ganharam uma cobertura que ia além das agendas dos candidatos, com a publicação da série “Desafios do Paraná”.

As reportagens preocupavam-se com a contextualização dos assuntos abordados. Ao invés de apenas ouvir os dois lados e garantir isenção, o texto apresentava um histórico dos problemas enfrentados pelos paranaenses, a opinião de especialistas apontando soluções e ainda abria espaço para os candidatos apresentarem as suas propostas para o tema.

As duas primeiras reportagens da série, “Procura-se um líder” (01 de ago. 2010, p. 20-21) e “Preparar para crescer” (08 de ago. 2010, p. 20-21), não focam especificamente no contato com a comunidade, característica básica do CJ. A primeira aborda o universo de integração e lobby presentes na vida pública, ou seja, um assunto muito particular dos políticos e muito distante do cotidiano da população, enquanto a segunda trabalha com a ideia de planejamento para que projetos possam ser colocados em prática e contribuam com o crescimento do estado. Como pode ser observado, ainda distante do modelo participativo proposto pelo *Civic Journalism*.

A primeira mudança se dá com a terceira reportagem, intitulada “Paranaenses amedrontados” (15 de ago. 2010, p. 20-21). Ao tratar da segurança pública, a série



começa a pertencer ao universo dos leitores, justificando a escolha do tema graças ao resultado de uma pesquisa. “Levantamento inédito do Instituto Paraná Pesquisa, feito a pedido da Gazeta do Povo, mostra que a segurança pública, de uma forma genérica, é a área que mais preocupa a população do estado” (FÉLIX, 2010).

Ao longo da reportagem fica visível o objetivo do jornal, que além de contextualizar os fatos e apontar direcionamentos, também busca levar ao leitor as propostas dos principais candidatos ao cargo.

Os dois principais candidatos ao governo do estado, Beto Richa (PSDB) e Osmar Dias (PDT), têm algumas propostas similares para a segurança, como investimento na inteligência policial, modernização de estruturas e equipamentos de segurança e a implantação do policiamento comunitário. (FÉLIX, 2010)

As três reportagens que vêm na sequência permanecem com escolhas de temas pertinentes ao leitor. Saúde e educação são debatidas seguindo o padrão da série com os textos intitulados “Mais verba e gente, o remédio para saúde” (22 de ago. 2010, p. 20-21); “Notas vermelhas em meio às azuis” (29 de ago. 2010, p. 20-21) e “Conhecimento é a chave do desenvolvimento” (05 de set. 2010, p. 20-21). Primeiro é apresentado o histórico sobre o assunto, seguido das propostas dos candidatos. Depois são inseridas entrevistas com especialistas na área e por último uma análise que resume o conteúdo da reportagem.

O texto que encerra a matéria ganha um caráter opinativo. Mesmo ainda utilizando as declarações dos entrevistados para evidenciar as opiniões sobre o tema, o próprio repórter tem a liberdade de expressar o seu ponto de vista, como no trecho a seguir.

Para realmente ser útil, é preciso que a avaliação seja encarada pelos professores e gestores públicos como uma ferramenta para definição de políticas para o setor educacional e ajustes nas linhas pedagógicas. Afinal, de pouco adianta ter dados sem que seja feita uma leitura dessas informações para conseguir entender a realidade e, a partir disso, iniciar as mudanças. (OLINDA, 2010)

Essa característica contraria a Teoria do Espelho, que classifica o jornalista como um agente imparcial e que apenas reflete a realidade, sem alterá-la. Diversos autores, entre eles Felipe Pena, publicaram estudos acerca dessa teoria, que trata o jornalismo com um rigor científico.



Sua base é idéia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano (PENA, 2008, p.125).

Márcio Fernandes coloca o *Civic Journalism* como contraponto a essa teoria ao dizer que “o CJ existe para estimular mudanças no dia a dia das pessoas comuns, diferentemente, como já dito, do jornalismo adepto da Teoria do Espelho, cujo mote resume-se, em geral, ao simples ato de denunciar problemas” (FERNANDES, 2008, p. 87).

Portanto, o *civic journalist* deve se afastar do papel de mensageiro (*messenger*), que não admite a interferência do repórter na matéria, para se aproximar da função de construtor (*builder*), contribuindo para decisões em benefício da coletividade, conforme o glossário elaborado pelo professor Robert Steele no artigo eletrônico “The ethics of civic journalism: independence as the guide”, publicado em 1996 e citado por Fernandes.

As últimas quatro edições da série seguem a linha das duas primeiras, ou seja, fogem das características do CJ por conta dos assuntos abordados. “Sustentabilidade: o sonho possível” (12 de set. 2010, p. 20-21); “Desníveis: a ferida aberta do Paraná” (19 de set. 2010, p. 20-21); “Equilíbrio para atender a todas as demandas” (26 de set. 2010, p. 20-21) e “Um estadista é do que os paranaenses precisam” (03 de out. 2010, p. 20-21) aprofundam temas fundamentais para o desenvolvimento do estado, mas estão distantes de contribuir para o almejado contato direto com a comunidade.

A escolha por temas ligados às finanças do governo vão ao encontro do público leitor do jornal, formado principalmente pelas classes A e B. Sendo assim, é possível afirmar que é mais fácil praticar o CJ quando se dirige a grupos menores, como em uma pequena cidade ou ainda em bairros específicos. A pluralidade de uma comunidade estadual dificulta o trabalho da Gazeta do Povo, ainda mais por se tratar do jornal de maior veiculação no Paraná, o que lhe garante leitores com características bem diferentes entre si.



Resultados alcançados

Em uma classificação de jornalismo que não ganhou nem sequer uma tradução definitiva para o português, analisar a existência, ou não, do *Civic Journalism* em um jornal ou uma reportagem pode parecer pretensioso. Por isso, o artigo não busca um veredicto sobre o resultado final dos produtos publicados pela Gazeta do Povo. Mais justo e coerente é ressaltar os pontos onde o jornal acerta e apontar em quais ele erra ao propor uma forma diferenciada de cobertura do pleito eleitoral.

O maior trunfo da série é a forma como são conduzidas as reportagens. Com extensa análise e uma base de dados sólida, os textos não cumprem a famigerada técnica de justificar a matéria com a história de um personagem específico. Se em algumas oportunidades isso contribui para a humanização do texto, em outras pode levar a equívocos e interpretações generalistas. Ao utilizar referenciais científicos, como, por exemplo, as pesquisas, as chances de erro são reduzidas.

O planejamento gráfico da série merece destaque, principalmente pela utilização de infográficos, que contribuem para o entendimento do leitor, uma vez que a vasta quantidade de números e informações nem sempre são fáceis de serem compreendidas.

Aprofundando a análise, a base para verificar o alcance de um produto que utiliza o CJ como princípio norteador está na capacidade de gerar espírito de mudança no receptor da notícia, como aponta Fernandes.

Ainda que almeje uma intensa participação popular, ou melhor, um intenso envolvimento popular com os mass media, o CJ busca não somente noticiar, mas transformar ou, ao menos, fornecer subsídios para que as pessoas comuns se informem a ponto de querer e de estar preparadas para suscitar mudanças no grupo social em que vivem (FERNANDES, 2008, p.117).

No que se refere à responsabilidade de não se limitar a noticiar, as reportagens acertam, como foi exposto nos parágrafos acima. No entanto, a maior dificuldade está justamente no fato de contribuir para a promoção de mudanças na sociedade. Quando aborda temas como saúde, educação e segurança pública, o diário consegue se aproximar dos problemas que mais incomodam os cidadãos. Além disso, o faz considerando as demandas de diversos estratos sociais, uma vez que os sistemas públicos de segurança e educação são temas recorrentes nessas abordagens.



A grande dificuldade está na contribuição para que a população esteja preparada para suscitar mudanças, isso porque falta mais contato direto com a comunidade. As possibilidades de participação dos leitores na série foram limitadas a sugestões de perguntas pela internet, o que impede a criação de um compromisso entre leitor e jornal, fundamental para o desenvolvimento efetivo do CJ. A realização de debates amplos e abertos à população sobre os temas retratados nas matérias teria a função de reafirmar a via de mão dupla fundamental no intercâmbio entre leitor e jornal.

Outro ponto que poderia ser mais bem trabalhado é a parte dedicada às propostas dos candidatos ao cargo de governador do estado. No texto da reportagem só são expostos os pontos de vista dos dois principais postulantes, Beto Richa (PSDB) e Osmar Dias (PDT). Por mais que fossem os únicos com chances reais de vencer o pleito, a abertura de um espaço igual para todos os sete candidatos seria fundamental para consolidar a democracia, elemento imprescindível quando se quer fazer um jornalismo baseado no contato com a comunidade.

Justiça seja feita, todos os postulantes puderam apresentar suas propostas na versão online da série, mas faltou a garantia de igualdade na versão impressa, objeto de estudo do artigo e que atinge uma maior fatia do público, além de ser o principal reduto do *Civic Journalism*.

Considerações finais

Apresentar uma proposta diferenciada de cobertura, especialmente em um momento relevante como o sufrágio, é um mérito para qualquer veículo de comunicação. Se campanhas de conscientização sobre trânsito ou violência são importantes para a sociedade, ampliar a temática para as eleições se mostra fundamental, isso porque permite fugir da limitação dos assuntos pontuais, podendo se estender e servir como orientação para todo conteúdo publicado na editoria política do jornal.

A Gazeta do Povo se mostrou preocupada com a mudança de mentalidade da população ao adotar o nome de “Voto Consciente” para o caderno político durante o período eleitoral. A série “Desafios do Paraná” estava ligada a outras iniciativas do diário, como, por exemplo, o Candibook, seção publicada na versão online do jornal e



que apresentava o perfil de praticamente todos os candidatos aos cargos executivos e legislativos em 2010.

No entanto, algumas falhas registradas ao longo do processo, sob o ponto de vista do *Civic Journalism*, prejudicaram o resultado final, ou seja, a capacidade de contribuir para que as pessoas alcancem mudanças nos seus grupos sociais. As causas têm duas origens: uma delas é de responsabilidade do próprio jornal e a outra do processo democrático vivido pelo país.

Quando se atribui a responsabilidade à Gazeta do Povo, é importante ressaltar que se fala sobre pontos onde as reportagens deixaram a desejar, e não à iniciativa louvável de publicar a série. Com isso, para a próxima cobertura eleitoral, que acontecerá nas eleições municipais de 2012, é esperado que a mesma fórmula seja repetida, mas que alguns itens mereçam mais atenção, entre os quais:

- Espaço igual para todos os candidatos: a importância que o jornal dá para os dois candidatos de maior destaque é compreensível, mas a abertura de um espaço igualitário, no meio impresso, para todos os candidatos a cargos majoritários, permitiria um debate mais amplo e democrático. Além disso, seria importante para levantar temas que não aparecem com frequência nas discussões eleitorais e que fazem parte das bandeiras erguidas por partidos menores. Caso haja uma iniciativa desse tipo, a cada reportagem o espaço poderia ser aberto para todos os postulantes, para que de forma sucinta exponham os seus pontos de vistas. Isso também contribuiria para o esclarecimento do eleitor, que teria uma dimensão mais concreta sobre o pensamento político do candidato, evitando as maquiagens presentes nos textos divulgados pelas assessorias de imprensa ou que são expostas durante os debates televisivos.

- Estímulo à participação da sociedade: para atingir um modelo adequado de *Civic Journalism* é fundamental que os eleitores se sintam parte das reportagens publicadas. No entanto, não é apenas com pesquisa de opinião que se atinge esse objetivo. A melhor forma de estimular a participação é organizando debates onde os cidadãos sejam os verdadeiros protagonistas de seus interesses. Dessa forma, não se pretende diminuir a mediação do veículo de comunicação, mas sim que ele haja em parceria com a sociedade.



- Escolha dos temas da série: com exceção das reportagens que abordaram assuntos como educação, saúde e segurança pública, a escolha de temas pode ser avaliada de duas formas. Como desafios que teriam que ser resolvidos pelo próximo governador, ela se mostrou acertada, analisando os problemas com profundidade e apontando soluções para eles. Porém, é difícil promover o engajamento da comunidade ao falar, por exemplo, sobre o fato de o Paraná precisar de uma liderança forte em Brasília, ou ainda sobre o lobby praticado pelos políticos. São temas cruciais para o desenvolvimento do estado, mas teriam um alcance maior se a sociedade percebesse de forma mais clara como isso afeta o seu dia a dia. Apresentar esse panorama para a população aproximaria o jornal da prática do *Civic Journalism*.

Sobre o recente processo eleitoral ambientado na democracia, que o país vive desde o fim do período em que foi governado pelos militares, um campo que ainda precisa melhorar muito é a conscientização dos eleitores na hora do voto, conforme a entrevista da jornalista Anieli Almeida, da Gazeta do Povo, para o Jornal Laboratório da Notícia (LONA), publicado pelo curso de Jornalismo da Universidade Positivo.

Desde a redemocratização do país, a escolha de candidatos aconteceu de forma equivocada, pelos motivos errados. Apesar disso, depois de presenciar ações lamentáveis dos políticos, a população começou a pensar a respeito dos próximos representantes. Só agora os eleitores começaram a perceber que eles mesmos sofrerão as consequências por uma escolha ruim. Ainda estamos engatinhando dentro do que chamamos de democracia. (ALMEIDA, 2010)

Por isso, não é possível culpar os veículos de comunicação pelos problemas decorrentes da má administração pública. No entanto, por meio de ações como a promoção do *Civic Journalism* há possibilidades de reversão desse quadro. Se a proposta feita pelo diário paranaense deixou a desejar nesse campo, pode ter inaugurado uma tendência para o jornalismo do estado, ou no mínimo para si mesmo não só nas próximas eleições, mas no acompanhamento do dia a dia da política e nas suas implicações para a sociedade.



REFERÊNCIAS

CALDAS, Álvaro - **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002.

Cobertura terá expedição e site com candidatos. Gazeta do Povo. Curitiba, 01 de ago. 2010.

FÉLIX, Rosana – **Procura-se um líder. Gazeta do Povo**. Curitiba, 01 de ago. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Preparar para crescer. Gazeta do Povo**. Curitiba, 08 de ago. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Paranaenses amedrontados. Gazeta do Povo**. Curitiba, 15 de ago. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Mais verba e gente, o remédio para saúde. Gazeta do Povo**. Curitiba, 22 de ago. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Conhecimento é a chave do desenvolvimento. Gazeta do Povo**. Curitiba, 05 de set. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Sustentabilidade, o sonho possível. Gazeta do Povo**. Curitiba, 12 de set. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Desníveis: a ferida aberta do Paraná. Gazeta do Povo**. Curitiba, 19 de set. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Equilíbrio para atender a todas as demandas. Gazeta do Povo**. Curitiba, 26 de set. 2010, p. 20-21

FÉLIX, Rosana – **Um estadista é do que os paranaenses precisam. Gazeta do Povo**. Curitiba, 03 de out. 2010, p. 20-21

FERNANDES, Márcio – **Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?** Paraná: UNICENTRO, 2008.

OLINDA, Caroline – **Notas vermelhas em meio às azuis. Gazeta do Povo**. Curitiba, 29 de ago. 2010, p. 20-21

PENA, Felipe – **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Diego Henrique da; CAVALCANTE, Maria Nathalia – **Profissionais da RPC avaliam campanha “Voto Consciente”**. Laboratório da Notícia (LONA). Curitiba, 05 de out. 2010, p.03



SILVA, Luiz Martins da - **Civic Journalism: um gênero que no Brasil ainda não emplacou.** Brasília: UNB, 2001, disponível em <http://vsites.unb.br/fac/sos/artigos/civicjournalism.htm>. Acesso: 06/04/2011